



atos

do conselho geral

ano LXXXII outubro-dezembro 2001

Nº 377

**Órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
Congregação Salesiana**

**ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO**

atos

do Conselho Geral da Sociedade Salesiana de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

Nº 377 ano LXXXII outubro-dezembro 2001

1. CARTA DO REITOR-MOR	1.1 P. Juan E. VECCHI Enfermidade e ancianidade na experiência salesiana	3
2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	<i>Não constam neste número</i>	
3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	<i>Não constam neste número</i>	
4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL	4.1 Crônica do Reitor-Mor	35
	4.2 Crônica do Conselho Geral	41
5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1 Comissão Pré-capitular para o CG25	47
	5.2 Carta do Reitor-Mor aos irmãos doentes ou anciãos	47
	5.3 Nomeação de cinco membros da Consulta Mundial e do Coordenador Geral da Associação dos Cooperadores Salesianos	49
	5.4 Bispos Salesianos	50
	5.6 Irmãos falecidos (2001 – 3º elenco)	51

Tradução: P. José Antenor Velho

2001 © Editora Salesiana

EDITORA SALESIANA

Rua Dom Bosco, 441 – Mooca

03105-020 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3277-3211 • Fax: (11) 3271-5637

E-mail: editora@editorasalesiana.com.br

vendas@editorasalesiana.com.br

1. CARTA DO REITOR-MOR

ENFERMIDADE E ANCIANIDADE NA EXPERIÊNCIA SALESIANA

*“Alegre-se meu coração na tua salvação” (Sl 12,6).
“O Senhor é a minha parte da herança e meu cálice: nas
tuas mãos, a minha porção” (Sl 15,5).*

As estações da vida. I. **ENFERMIDADE** – A experiência da doença em nossa vida consagrada – Olhando para Dom Bosco – Uma nova estação apostólica – II. **ANCIANIDADE**: uma idade a valorizar – Uma visão adequada – Ancianidade e missão juvenil – Compreender a condição dos anciãos – Aprende-se desde jovem a envelhecer bem – Formação permanente na comunidade local e inspetorial.

Roma, 15 de agosto de 2001
Solenidade da Assunção da Virgem Maria

QUERIDOS IRMÃOS,

após um ano de doença, eu vos escrevo, desejando compartilhar convosco o que senti e pensei nesta caminhada, nova para mim, mas acompanhada da Graça do Senhor e do afeto dos irmãos.

A doença colheu-me de improviso, no coração do ministério que me foi confiado pela Providência. Tinha pensado muitas coisas para o tempo do meu reitorado, mas esta foi uma surpresa. A graça de Deus e a ajuda de vossa oração ajudaram-me a fazer a virada vocacional, que me chamava a servir ao Senhor de modo novo.

Sinto-me, hoje, nos braços de um Pai misericordioso e recebo o dom de entregar-me totalmente a Ele. Enquanto sinto-me imerso na fragilidade, cujo sinal é a doença, parece-me perceber

também o apoio da mão do Senhor, que estendeu o seu braço para não me deixar a sós.

Apesar do progressivo enfraquecimento físico, o Senhor concedeu-me até hoje uma discreta lucidez mental, que me permite relacionar-me com os irmãos, participar de alguma pequena festa salesiana, continuar a prover o bem da Congregação.

Penso sempre no imenso campo apostólico confiado à Congregação, nas invocações dos povos e dos jovens, na benevolência e na estima da Igreja e dos jovens pelo trabalho que os Salesianos realizam em todas as partes do mundo.

Revejo com alegria a rica articulação da Família Salesiana e a abundância de dons que oferece à Igreja, enquanto tenho a ocasião de apreciar pessoalmente o serviço que as irmãs, Filhas dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, são capazes de oferecer aos seus doentes.

Tenho presentes as fileiras de irmãos e leigos, encontrados em tantas partes do mundo, com os quais me sinto unido com a oferta da minha paciência.

Penso nos jovens salesianos, que se preparam para a profissão perpétua ou para a primeira profissão ou para a entrada no noviciado, e rezo por eles. Senti-me particularmente próximo dos irmãos doentes e anciãos: a alguns, pude visitar; aos demais, escrevi para garantir a minha oração e para que a minha amizade e a partilha comum desta experiência de vida pudesse ser mais explícita.

Bendigo ao Senhor por isso tudo, sem esconder-vos a alegria que vibra em meu coração.

Senti-me unido à vossa oração a Artêmides Zatti, para pedir a cura e todas as graças de que preciso. As cartas que vos escrevi sobre a oração e sobre Artêmides Zatti foram também um modo de continuar a caminhar convosco e estar próximo de vós. O trabalho que vos pedi pelo salesiano coadjutor é um modo sugerido para cultivar intensamente a nossa relação recíproca.

Quero compartilhar, agora, algumas reflexões que me pare-

cem úteis, a partir do meu observatório especial, não só aos que compartilham pessoalmente a condição de sofrimento ou limitação física, mas a todos os irmãos que, na comunidade, estão em contato com essa experiência.

AS ESTAÇÕES DA VIDA

Início com uma espécie de parábola sobre a vida. Dizia um diretor espiritual que a existência de fé de uma pessoa tem como que três períodos ou etapas, cada um caracterizado por atitudes e disposições originais.

O *primeiro período ou etapa* é marcado pela interrogação: “Como acolher a vida?”. A vida vem-nos ao encontro. Trata-se de entender que ela é um dom absolutamente gratuito, fruto de um amor inconcebível. A vida não é apenas temporal, mas eterna, como duração e como qualidade; encontra o seu sentido em Jesus Cristo, com o qual compartilhamos a nossa experiência humana; comporta esforço e, ao mesmo tempo, alegria e risco. Nessa perspectiva, o sentimento dominante é o da confiança na fidelidade de Deus cantada nos salmos: Tu, ó Senhor, sois a minha vida, a minha fortaleza, a minha esperança, a minha luz. “Se eu tiver de andar por vale escuro, não temerei mal nenhum, pois comigo estás. O teu bastão e o teu cajado me dão segurança” (Sl 22,4). O homem bom foi definido, sobretudo, como um “homem agradecido”, enquanto o incrédulo é, fundamentalmente, um ingrato ou um não-agradecido.

Esse período é um percurso de fé, que dura a vida inteira, mas é particularmente vivo na juventude. À busca viva e plena de desafios, própria da idade, corresponde a educação, através das diversas mediações da família, da pastoral juvenil e da catequese.

Contemplando o mistério da Encarnação, vemos que, em Maria, esse percurso de fé tem início no momento da Anunciação, respondendo ao Anjo: “Faça-se em mim segundo a tua palavra”

(Lc 1,38), enquanto, em Jesus, se exprime plenamente na disponibilidade pela qual diz: “Eis que venho, ó Deus, para fazer a tua vontade” (Hb 10,7). Nossa missão de gente que experimentou a verdadeira vida e quer abrir-se a ela é particularmente preciosa e alegre. Por isso, na espiritualidade juvenil salesiana, que também inspira conteúdos educativos, colocamos a vida e o seu valor no centro da atenção; e assim vemos o Pai como doador da vida e o Filho como plenitude e garantia contra a morte. Detemo-nos extasiados diante da ressurreição da menina morta¹ e exultamos diante do jovem curado².

Não deve admirar se muitos não se interrogam sobre esse dom da vida, pois acolhem a existência como um “acaso”, não sondando o seu sentido ou vivendo-a como passatempo. Nós, porém, chegamos a fazer, em virtude da graça, a confissão de fé: “A vida se manifestou e nós a tocamos”³.

O *segundo período* é dominado pelo pensamento de “como empregar a vida na dimensão do dom”. São os anos de discernimento e decisão vocacional, à escuta das urgências dos irmãos e da vontade de Deus que se manifesta através de sinais e mediações. Como conclusão desse percurso há a opção fundamental de campo: ou pelo Reino ou por qualquer outro fim. Também nesta vertente as opções dos nossos jovens precisam de testemunho, assistência e orientação.

Para os Salesianos, que acolheram o chamado de seguir a Cristo no caminho traçado por Dom Bosco, a vida se abre plenamente ao empenho apostólico, um empenho que se prolongará por anos e que os fará experimentar a espiritualidade típica, feita de união com Deus, que é a verdadeira contemplação, e de alegria em agir com Deus pela salvação dos jovens e dos pobres. Este é um aprofundamento que acontece não sem dificuldades,

¹ Cf. Lc 8,54

² Cf. Mc 9,17-27

³ Cf. 1Jo 1,1-3

mas que tem uma grande recompensa. Cresce-se na comunhão eclesial e na vida comunitária com a mediação da Palavra, até oferecer a vida no quotidiano.

O *terceiro período* é marcado pelo esforço de como “entregar a própria vida”. Se a primeira atitude nos remetia à expressão de Jesus: “Eis que venho, ó Deus, para fazer a tua vontade” (*Hb* 10,7), e o segundo nos remetia à declaração de Jesus em Nazaré: “O Espírito do Senhor está sobre mim, pois ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Nova aos pobres: enviou-me para proclamar a libertação aos presos e, aos cegos, a recuperação da vista; para dar liberdade aos oprimidos” (*Lc* 4,18), este terceiro traço faz ressoar as palavras: “Nas tuas mãos entrego a minha vida”⁴.

Uma crença popular expressa a convicção de que cada um morre de acordo com a vida que viveu. Não se trata de uma norma fixa, não é uma fatalidade. Mesmo no último trecho de vida existem novidades significativas, positivas e negativas, consoladoras e dolorosas.

Jesus poderia, decerto, não esperar os atos do processo, o ludíbrio e a cruz; mas aceitou do Pai tudo isso, para revelar o amor total de seu Pai e agir para a nossa redenção. Ao bom ladrão, tocou a inesperada surpresa de encontrar o Messias no momento maior da sua misericórdia. A Maria coube receber da Cruz a maternidade espiritual da Igreja.

Os teólogos, refletindo sobre a série de acontecimentos pessoais que acompanham o caminho de cada um até o seu fim, expressam a impossibilidade de definir humanamente o último momento de conhecimento e consciência, sublinhando que nos vamos deste mundo sem que alguém possa afirmar com segurança a própria salvação. Podem existir também novidades de dons e de consolação. Em muitos casos, entre as novidades dolorosas

⁴ Cf. *Sl* 30,6.16; *Lc* 23,46

do último trecho de vida há as longas doenças, que não dependem de hábitos de vida, das quais às vezes a medicina moderna sabe bloquear ou diminuir os sintomas extremos, mas que nem sempre, ou melhor, poucas vezes, consegue curar.

Depois de 150 anos de vida, a nossa Congregação tem irmãos espalhados pelas três idades. Nas comunidades, há quase sempre um membro a curar; ancianidade e enfermidade já são uma presença permanente.

I. ENFERMIDADE

O salesiano em pleno vigor é, no imaginário próprio dos jovens e do povo, aquele que pela manhã sai correndo do quarto e – depois da oração comunitária – vai ao pátio, acolhe os jovens que chegam, entretém-se com eles, chuta uma bola numa pequena partida e alguns minutos depois, os reúne numa sala para um momento ativo de catequese, ao qual muitas vezes segue a Eucaristia.

É uma situação real: acontece em muitos lugares e é autêntica. O salesiano espera o momento favorável para o encontro com os jovens, e o momento da sua chegada é um daqueles de maior frescor e aberto às novidades.

Há nisso, porém, um risco: o de isolar-se, sublinhar e pensar excessivamente nos resultados pastorais como sucessos devidos às próprias forças, esquecendo a dimensão gratuita, filial e de oferta, típica de Cristo, que fez da cruz o seu momento de revelação e da Eucaristia o seu momento de comunicação.

O sofrimento e a cruz inserem-se na vida. E é preciso dizer logo que o período de enfermidade e de limitação é fecundo como o da atividade específica, se vivido à luz do mistério da morte e ressurreição de Jesus.

A doença não tem agenda, nem horário. Apresenta-se improvisamente e desconhecida, aos vinte como aos trinta ou aos quarenta anos. Hoje, sobretudo, com a difusão de algumas doenças típicas da vida moderna, pode-se ir, desde o seio mater-

no, ao encontro de tumores, enfartos, derrames... Merecem, depois, um discurso à parte, os desconfortos psíquicos, talvez menos visíveis, mas não menos pesados (depressões, esgotamentos, insônia, cansaço crônico etc.).

A doença resulta, então, uma presença quase ordinária em nossas comunidades, assim como nas famílias e em toda a existência humana.

A EXPERIÊNCIA DA DOENÇA EM NOSSA VIDA CONSAGRADA

Brota daí, quase imediatamente, um dado: a doença leva-nos a meditar sobre a precariedade da existência e, principalmente, sobre aquilo em que confiamos, nos dá uma idéia, como reza o Salmo, de quanto “o homem não compreende na prosperidade” (Sl 48,13). O homem sente-se seguro na prosperidade e corre o risco de não compreender plenamente a vida, de não compreender os irmãos e as condições duradouras de felicidade.

A doença aumenta a percepção de si e renova o espírito comunitário. Quem sofre adquire uma visão mais realista da própria natureza humana. Toma consciência de seus limites, da sua pobreza, da necessidade e, assim como nos diz tantas vezes a oração dos Salmos, abre-se a fresta da existência sem fim para a qual preparar-se. A vida, além disso, através da doença, assume um novo significado apostólico pelo caminho do exemplo que os irmãos e os jovens recebem e pelos sofrimentos que por eles se oferecem.

A propósito dos irmãos marcados pela doença, as nossas Constituições dizem: “Prestando o serviço de que são capazes e aceitando a própria condição, eles (os doentes) são fonte de bênçãos para a comunidade, enriquecem-lhe o espírito de família e tornam mais profunda a sua unidade”⁵.

Aqueles que atravessam o caminho do sofrimento são cha-

⁵ C 53

mados a renovar serenamente a própria entrega a Deus. Deus, que os chamou à vida, é fiel, e chama-os à vida eterna através de diversas provas, compreendidos os sofrimentos. Os Salmos, oração inigualável para o crente, falam do desconforto repentino e violento da doença. Sobressaem sempre neles, porém, a confiança em Deus e a entrega a Ele, cuja misericórdia é permanente e eterna. O cristão, como o religioso, é educado no percurso pessoal de vida, pelas vicissitudes de Cristo. A doença é, pois, uma oportunidade para saborear, tornar a exprimir e aprofundar a própria fé.

Deve-se ter em consideração as indicações das Constituições no que respeita à vida nas comunidades: de um lado, cuidar da própria saúde, com sobriedade e sem ansiedade; e de outro, em tempo de enfermidade, prestar o serviço de que se é capaz. Esta capacidade deve ser medida e utilizada depois de um discernimento com o Diretor, em que evidentemente, também tem a sua voz a instância médica.

Às vezes, alguém poderá empregar as capacidades limitadas de que dispõe no desenvolvimento de uma função regular, que não crie tensões, como a portaria, a biblioteca, a presença em determinados ambientes. Outras vezes, se um doente tem talento e vontade de estudar, poderá produzir frutos maduros ditando o seu trabalho a um irmão: é uma forma de colaboração, esta, que deve ser levada em consideração. Exemplos há em que pessoas aflitas pela cegueira ou prostradas pela fraqueza tiveram que ditar a outros o próprio trabalho. Nossos irmãos, além disso, têm entregado a própria experiência espiritual da doença às páginas de livros que tiveram, além de discreta difusão, também o valor da consolação para outros aflitos pela dor.

É possível, porém, que aconteça também o contrário, ou seja, que um irmão doente se coloque a ajudar um outro sadio. A doença não é programada e os inconvenientes que produz não são iguais para todos, de modo que os remédios para ela não podem esquecer a fantasia e a criatividade. Será preciso, então,

inventar um trabalho, dar vida a processos de colaboração e fazer com que as curas sejam personalizadas e miradas, enquanto aumentam as longas internações.

Talvez não seja por acaso que, justamente nestes tempos, a Igreja nos mostre exemplos de santidade salesiana, construída em solidariedade com o doente, como os de Artêmides Zatti, Simão Srugi, P. Luís Variara, etc.

Quero tranquilizar, ainda, os nossos irmãos doentes sobre o fato de que a sua condição não é de peso, mas de ajuda aos jovens: não só porque com a própria presença e palavra oferecem uma compreensão mais madura da vida, não só porque deles os jovens aprendem a viver a doença com mais serenidade, mas também porque os jovens podem amadurecer sentimentos de compaixão, empatia e desejo de ajuda. Já existem, aliás, jovens que cuidam voluntariamente de nossos doentes por algumas horas do dia, mas quanto seria belo se nascessem grupos de samaritanos ou nazarenos no Movimento Juvenil Salesiano.

A saúde, queridos irmãos, é um problema que investe hoje toda a humanidade e tem o seu reflexo em quase todas as famílias exigindo mais atenção e mais caridade. É bom, pois, que se desenvolva na Igreja a pastoral da saúde que tem, aliás, as suas macro-manifestações nas jornadas mundiais do doente e nas peregrinações aos santuários. Por outro lado, a saúde foi o principal sinal do Reino como caridade e poder: “Anunciai que o reino dos céus está próximo, curai os doentes, ressuscitai os mortos, limpai os leprosos, expulsai os demônios” (*Mt 10,7-8*).

Não nos esqueçamos que cegos, surdos, paralíticos, leprosos, epiléticos, endemoninhados foram objeto de atenção, milagres e sinais do advento do Reino de Deus.

A esta altura, a comunidade entra em jogo com grande eficácia. A primeira coisa a fazer será examinar a situação de maneira positiva, descobrindo que a doença, à luz do mistério pascal, é uma graça. Vêm à mente, nesta perspectiva, os Santos e as San-

tas que beijavam os corpos dilacerados e as feridas infectas, considerando-as chagas de Cristo. Do nosso lado, recordemos os Salesianos sofredores, como o venerável André Beltrami ou Alexandrina da Costa. P. Beltrami, entre outras coisas, esteve na origem da vocação missionária do P. Luís Variara que, esperamos, será logo elevado às honras dos altares.

OLHANDO PARA DOM BOSCO

Como fundo disso tudo, há – para nós – a experiência de Dom Bosco. Apresentamos facilmente sua vivacidade juvenil, sua criatividade pastoral, sua capacidade de iniciativa pelos jovens, sua vitalidade. Muitas vezes, porém, fogem-nos alguns aspectos de sua vida, como o sofrimento, talvez menos comentado, enquanto à primeira análise parecem menos sedutores, embora igualmente importantes e significativos.

Para valorizar mais esta afirmação podemos recordar vários momentos nos quais Dom Bosco, durante a sua vida, foi atingido pela doença.

Um primeiro momento é quando João Bosco seminarista cai doente depois da visão de Comolo. Recordamos daquele episódio, o simpático particular da mãe que lhe trouxe uma garrafa de vinho “generoso” e um pão de milho⁶. Discute-se ainda, brincando, qual fosse a qualidade do vinho! A cura naquela ocasião foi quase imediata!

Uma doença séria alcançou Dom Bosco em 1846, quando ele já estava em sua maturidade sacerdotal. Devido ao muitíssimo trabalho e às grandes preocupações, Dom Bosco teve uma grave forma de bronquite que quase o levou à morte. Um episódio, este, bem reconstruído no recente filme realizado sobre sua vida. As *Memórias Biográficas* falam-nos das incessantes orações,

⁶ Cf. MB I, p. 482

mortificações e jejuns que os jovens fizeram para obter a sua cura do Senhor, a ponto de alguns deles chegarem a oferecer a própria vida para conseguir essa graça. São famosas as palavras ditas por Dom Bosco, depois da cura, dirigindo-se aos jovens: “Estou persuadido de que Deus concedeu a minha vida às vossas orações; e, por isso, a gratidão quer que eu a gaste pelo vosso proveito espiritual e temporal. Prometo fazer isso enquanto o Senhor me deixar nesta terra, e, do vosso lado, ajudai-me”⁷.

Outro caso semelhante será repetido em Varazze, no início do ano escolar 1871-1872. Naquela ocasião, a doença de Dom Bosco durou cinquenta dias⁸. Também então os jovens rezaram incessantemente pela sua saúde e houve até quem oferecesse a própria vida pela sua cura⁹. Retornando ao Oratório, Dom Bosco mostrou-se tão comovido, que não conseguia falar. Desde então, podia dizer a expressão revelada em 1886 ao P. Viglietti: “Prometi a Deus que até o meu último suspiro seria pelos meus pobres jovens”¹⁰.

Três episódios que tiveram o decurso normal de uma doença, embora séria. Para curar-se, Dom Bosco precisou de uma longa convalescença.

Há, depois, o último período do final de sua vida, quando se acumulavam infortúnios e doenças. Temos páginas impressionantes dos acontecimentos daquele período, que nos falam do sofrimento físico, da reflexão sobre a vida e o trabalho realizado, do desejo de iluminar seus filhos no caminho que deviam empreender para que a Congregação continuasse, da preocupação pelo bem dos jovens. “É uma roupa gasta – dirá o médico durante a última doença – porque vestida nos dias festivos e nos dias feriais”¹¹.

⁷ MB II, p. 497-498

⁸ Cf. MB X, p. 227-312

⁹ Cf. MB X, p. 251

¹⁰ MB XVIII, p. 258

¹¹ MB XVII, p. 57

Recordo que o saudoso P. Viganò, em sua última doença, gostava de meditar aquelas páginas para buscar luz e consolação.

A vida toda de Dom Bosco foi acompanhada de sofrimentos físicos notáveis, que, porém, jamais o desencorajaram, nem o levaram a limitar o trabalho. Durante os períodos de sofrimento e doença, compreendido o dos últimos tempos de vida, Dom Bosco jamais abandonou a sua missão de apóstolo e pai dos jovens. Por eles ofereceu, como Jesus por todos os homens, o seu sofrimento e os seus incômodos. Ele tinha percebido bem o valor salvífico da dor unida aos sofrimentos de Cristo, compreendendo que é Jesus quem redime, e a pessoa que une os próprios sofrimentos aos Seus torna-se dele um sinal eficaz.

É interessante notar que, mesmo durante os períodos de doença, Dom Bosco continuou a trabalhar segundo as possibilidades. Jamais deixou de receber pessoas, escrever cartas e respondê-las, mesmo fazendo-se ajudar pelos colaboradores, falar com os Salesianos, informar-se sobre a situação de seus jovens. Lemos nas *Memórias Biográficas*: “Com tantos incômodos, com os quais alguém em suas condições poderia dar-se por doente ou teria se ausentado de qualquer trabalho, ele jamais diminuiu o seu costumeiro passo de gigante no iniciar e realizar os seus maravilhosos empreendimentos. Aumentando as dificuldades e doenças, ele aumentava a sua coragem”¹².

UMA NOVA ESTAÇÃO APOSTÓLICA

Analisando os fatos há pouco apresentados, entende-se bem de onde provêm as indicações de nossas *Constituições*. Elas, de um lado, convidam o doente a cuidar com moderação da própria saúde, continuando o quanto possível o trabalho iniciado, e, de outro, sugerem que as comunidades e os doentes devem colabo-

¹² MB IV, p. 218

rar para potenciar os recursos que ainda subsistem. “A comunidade cerca de cuidados e afeto os irmãos anciãos e doentes”¹³ e os “ampara com mais intensa caridade e oração”¹⁴. Entre nós isso está acontecendo sempre mais.

Todos são empenhados nesse serviço; ninguém é dispensado. Pode haver, ainda, em nossas comunidades irmãos, sacerdotes ou coadjutores, dados especificamente ao cuidado dos doentes, ocupação, essa, não menos importante do que outras. Agradecendo ao Senhor, parece-me que a sensibilidade e a atenção por essas condições se tenham reforçado notavelmente. Caso os irmãos não possam prestar os cuidados necessários nesse serviço, recorre-se com louvor a pessoal externo, desde que não faltem os cuidados domésticos, de enfermeiro e de assistência pessoal.

Entre nós, por outro lado, foi-se afirmando um critério que exige providências da parte de quem governa e disponibilidade da parte do irmão. Enquanto nossos doentes conseguem se gerir com autonomia suficiente, eles permanecem nas comunidades, segundo as modalidades indicadas pelas *Constituições*. Quando, ao contrário, nossos doentes precisam de assistência e ajuda particular, é bom que sejam enviados a casas particularmente preparadas com pessoal e meios, e, em geral, próximas a estruturas hospitalares eficientes. As Inspetorias já providenciaram tais centros, individualmente ou em colaboração, procurando cuidar não só dos aspectos médicos, mas, sobretudo daqueles fraternos e espirituais.

O irmão seja ajudado a perceber que se trata de uma fase, na qual a assistência assume um novo significado apostólico, quando se oferecem com fé as limitações e os sofrimentos pelos irmãos e pelos jovens, e quando o tempo é orientado para a oração, a vida comunitária e o trabalho possível. A oração, de fato, tem à disposição um tempo maior, assim como a leitura, que pode ser feita com

¹³ C 53

¹⁴ C 54

mais calma e sem preocupações de re-elaboração. Não deverão faltar as visitas, a oportunidade de apostolado e outros. Enfim, na doença a ação apostólica não é eliminada, mas multiplicada.

Parece-me oportuno acenar aqui, embora rapidamente, a uma situação da qual existem alguns sinais, ou seja, a responsabilidade e sobriedade no exigir curas custosas, em centros distantes, considerados superespecializados e extraordinários. É verdade que a saúde dos irmãos é um bem precioso. É igualmente verdade, porém, que nós compartilhamos trabalhos comunitários e vivemos na condição dos pobres. Também aqui é necessário um discernimento, que deverá levar em conta as condições pessoais, as esperanças de cura, as perspectivas comunitárias, as considerações sobre a missão, que podem ser um pouco diversificadas.

Exige-se, por isso, da parte do irmão “temperança” nas exigências e particular disponibilidade ao discernimento. Da parte do superior e da comunidade são necessários critérios não rígidos, mas atenção à situação concreta, em diálogo com os médicos.

Esta é uma reflexão que estou aprofundando há algum tempo, especialmente desde quando fui obrigado à mobilidade muito reduzida, mas aumentada graças à proximidade de muitos anjos da guarda.

Após tantos anos de serviço salesiano, encontro-me na condição de quem é servido, com grande amor e extrema delicadeza. Após algum embaraço inicial, já aprendi a arte preciosa de deixar-me servir, tudo recebendo como um dom de amor.

Agradeço àqueles que me estão próximos com o serviço (como os caríssimos médicos, as queridas Irmãs dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, os irmãos da UPS e da Pisana), os numerosos visitantes e amigos: juntos, fazem-me respirar ao redor os ares de casa, serenos e salutareos.

Exprimo um apreço especial ao meu Vigário, que me acompanha com desvelo realmente fraterno; aos membros do Conselho

Geral, que encontrei ao meu lado nos momentos mais delicados.

O mesmo P. Luc – que está próximo de mim e continua a colaborar em sua especial responsabilidade – confirma-me como, do seu observatório, percebe com clareza a participação assídua e fraterna de toda a Família Salesiana e de muitíssimos amigos.

Confirmo com alegria a sua impressão. Como qualquer família se mobiliza pelos seus doentes, assim eu sinto particularmente próximos os membros da Família Salesiana, como testemunho de que ela tem uma alma, ou melhor, um coração, que gera e difunde fogo de caridade.

Dizia-vos, em outra ocasião, que me sinto como alguém que percorre uma estrada entre duas alas de amigos. Estou ainda mais convencido disso.

Em contato com tanta amizade, e com cuidados tão delicados, sinto-me em profunda sintonia com quem definiu sabiamente o serviço como “um amor em ação”.

Para dizer a verdade, também eu me esforço por continuar a servir, segundo o ministério que me foi confiado. Recordo-me que, no Capítulo Geral 24, quando se falou da idade avançada do Reitor-Mor e dos riscos de doença a ela relacionados, houve na aula capitular quem sublinhou com força o valor ministerial e carismático deste evento, que mais do que esconjurar é para transfigurar.

Desejava-se evidenciar que um Reitor-Mor, doente e sofredor, não está fora, mas dentro, ou melhor, no coração mesmo do próprio ministério. Não era a cruz o contexto e o tema de fundo da Transfiguração?

Assim esforço-me por viver. E não é difícil perceber, nisso tudo, um dos frutos da vossa oração.

E venho agora a um outro aspecto da minha reflexão.

II. ANCIANIDADE: UMA IDADE A VALORIZAR

Enquanto a doença não tem nem hora nem dia de chamada, mas se apresenta e se impõe, muitas vezes, sem aviso prévio, a

ancianidade vem-nos gradualmente, como o pôr-do-sol de uma bela jornada. Pode ser preparada e programada. Nos últimos tempos, ao constatar que a vida humana média se prolongou com sempre maior qualidade, multiplicaram-se as iniciativas e agências profissionais que se propõem a prevenir a ancianidade precoce, otimizando os recursos da ancianidade fisiológica.

Sabemos que nos últimos anos mudou também a terminologia: prefere-se falar mais de “ancião” do que de “velho”, de “terceira idade” para referir-se à “velhice sadia”, de “quarta idade” para indicar a velhice com doenças crônicas etc.

De um modo ou de outro, contudo, fica o fato de que envelhecer é uma realidade natural e biológica, com início no nascimento. Ela, porém, é vivida como problema quando surgem as doenças normais, típicas da idade avançada, ou quando inicia o processo de progressiva marginalização em relação ao ancião por parte dos demais membros da comunidade social. Fala-se até mesmo de uma “conjura do silêncio”, ou seja, do medo de enfrentar tudo o que concerne à terceira idade, evitando até mesmo tratar do assunto.

Ao mesmo tempo, são excessivas ou mínimas as expectativas que a sociedade tem do ancião, do qual se pretende que tenha as mesmas capacidades psicofísicas da idade madura ou, simplesmente, que se retire com tranquilidade. Releve-se, de fato, que a nossa sociedade, enquanto exaspera a produtividade, exclui do ciclo produtivo e condena à inatividade um altíssimo número de membros que poderiam continuar a trabalhar, embora com modalidades diversas, haurindo do seu considerável patrimônio de experiências.

Por sorte, a cultura e a mesma ciência médica exorcizaram aquela que se podia ter como visão negativa da ancianidade. Foram feitos estudos sistemáticos sobre isso em relação aos sacerdotes que chegam à idade da aposentadoria e estão ao alcance de todos os cursos adequados de re-qualificação. Podemos dizer,

pois, que a visão da ancianidade parece muito positiva. Também nós, em âmbito educativo, devemos dar vida a um impulso dirigido a valorizar as tarefas que, embora em sua simplicidade, têm um notável significado.

“Um bom porteiro é um tesouro”, dizia Dom Bosco¹⁵. Também um bom mestre de música, um sacristão, um arquivista, um bibliotecário etc. Ficamos admirados, porém, sobretudo com a nova sintonia ou simpatia entre jovens e anciãos, que revivem a empatia manifestada entre netos e avós. Não poucos jovens se interessam tanto com os aspectos menos conhecidos de uma história, quanto com a experiência feita. Retornam os relatos pessoais, não ideológicos.

Reconhece-se que a ancianidade é rica pela experiência amadurecida. É uma ocasião de viver a hora espiritual da síntese, da serenidade e da oferta: socialmente e, para nós educadores, educativamente útil e fecunda.

É preciso, portanto, prepará-la em tempo, desde a juventude, pelo princípio da formação permanente e da avaliação positiva de suas possibilidades.

É necessário potenciar as suas características: são conhecidas, a respeito, as associações de anciãos, as universidades para a terceira idade, os centros de encontro etc.

É preciso acolhê-la com seus dons e em seus limites, dos quais possivelmente livrá-la; pensam nisso a medicina, a psicologia e, em geral, a gerontologia. Nossos cursos de formação permanente, gerais ou específicos, já se servem dessas oportunidades

É necessário circundá-la do apreço que merece. Sobre isso, vem-nos ao encontro uma abundante produção bibliográfica. O ano de 1999, proclamado pela Assembléia Geral das Nações Unidas como Ano Internacional das pessoas anciãs, era caracterizado pelo *slogan*: “*Uma sociedade para todas as idades*”.

¹⁵ Cf. MB IV, p. 550

“Trata-se de um problema novo – escreve o gerontólogo Giuseppe Baldassare em seu denso volume *De fardo a riqueza, a ancianidade do novo milênio* – e, por muitos aspectos, outra vez novo, denso de incógnitas e de repercussões em diversos planos (político, econômico). Trata-se de um problema que, se de um lado exige resposta imediata de soluções urgentes, de outro, coloca fortemente a questão de re-fundação cultural da existência individual e social e, em paralelo, uma re-visitação e, talvez, uma revisão de antigos modos consolidados de vida e de pensar, projetar e intervir.”

A vida consagrada pensa nisso há tempo, depois do primeiro ingênuo alarme diante do envelhecimento. Nossa experiência, com a de muitos outros Institutos, pode servir de base experimental a frutificar também na pastoral e na animação social. Devemos, então, viver singularmente esta fase da vida, buscando inspiração na Escritura e nos significados que ela dá à pessoa dos anciãos no povo, na educação das novas gerações, na transmissão da aliança, na experiência de fé.

UMA VISÃO ADEQUADA

A primeira exigência, portanto, é adquirir uma justa visão da ancianidade.

Entre as idades do homem, a velhice nem sempre goza de bom nome. A infância é cheia de promessas, a juventude é brilhante e alimenta as esperanças do futuro, a maturidade é a plena expressão dos recursos, assumindo as responsabilidades do presente. A ancianidade, ao contrário, deve confrontar-se com a decadência física, o risco da involução psicológica, o rarear-se das relações, o afastamento das responsabilidades. Ela gera, por isso, em nossa cultura, no melhor dos casos, um sentimento de gratidão, de respeito e de amor, que se traduz em assistência profissional e em atenções afetuosas. Muito raramente, porém, leva a valorizar os seus recursos originais.

À raiz dessa atitude há uma concepção de vida em que conta, sobretudo a capacidade reprodutiva, manual ou intelectual. Na medida em que ela diminui, a própria existência humana perde valor.

Não se pode aceitar, todavia, que a assim chamada aposentadoria seja reduzida à idade de inércia e passividade. É justamente a isso que a cultura vai induzindo porque, mesmo se às vezes implicitamente, a pessoa anciã é relegada à inutilidade¹⁶.

A expulsão do processo produtivo faz com que o ancião, se identificado com o trabalhador em repouso, desça aos mais baixos níveis de prestígio social. Criam-se, então, condições de “residualidade” e “subalternidade”. Com a aposentadoria, a pessoa torna-se, de um só golpe, economicamente improdutiva, culturalmente fora do tempo, socialmente isolada. A idade da aposentadoria torna-se, então, “fonte de inquietação” em nível jurídico (com tudo o que vem depois do abandono do trabalho), em nível econômico (pelo aumento das despesas com a assistência à saúde), em nível psicológico (pelo sentimento de abandono e inutilidade que se vive e pelo fato de, por direito, a aposentadoria parecer uma imposição arbitrária e injusta)¹⁷.

Esta visão, quando predomina ou quando está simplesmente por baixo da cultura do ambiente, é facilmente interiorizada pelos anciãos e produz, ao menos nos mais frágeis, uma depreciação das próprias possibilidades. Tem início, como conseqüência, o desejo de marginalização voluntária, pelo que os anos “ativos” diminuem e os recursos da ancianidade não conseguem desenvolver-se de forma otimizada.

A experiência religiosa e salesiana mantêm-nos distantes dessa mentalidade. Inevitavelmente, porém, somos um pouco tocados por ela. O envelhecimento comunitário levanta preocupações, e qualquer aumento da média de idade provoca comentários so-

¹⁶ M. Spandonaro, “Problemi del pensionamento e minimo vitale”, in: *Anziani e società*, Edizioni Del Rezzara, Vicenza, 1982, p. 117-122

¹⁷ S. Burgalassi, *L'età inutile: considerazioni sociologiche sull'emarginazione anziana*, Pacini, Pisa, 1975

bre o futuro. Isso é legítimo pelo fato de a Congregação estar colocada em frentes que exigem energias frescas, enquanto, muitas vezes, a sua resposta não é proporcional aos empenhos. Torna-se desviante, porém, quando a questão é vista apenas ou principalmente da perspectiva do trabalho a realizar. O nosso próprio empenho pastoral pela salvação dos jovens é deformado, quando pensado apenas em termos de atividades, embora elas sejam indispensáveis e representem o seu ponto mais visível.

É a nossa existência consagrada, em sua totalidade e consistência, que se torna dom do Pai aos jovens, fonte de gestos e palavras que os ajudam a amadurecer como homens e os abrem ao mistério de Deus. O Batismo e a profissão religiosa colocam toda a vida sob o sinal particular do amor. O Espírito comunica a mesma fecundidade à energia juvenil, à maturidade adulta, à estação da ancianidade.

O crescimento da vida no Espírito não pára com os anos ou a doença. Ao contrário, na medida em que o homem exterior vai se dissolvendo, cresce o homem interior¹⁸ recolhendo os frutos de toda a existência à espera do grande encontro.

Dessa forma, a condição de ancianidade torna-se sempre revelação da vida e deve ser avaliada apenas pelo caminho trilhado desde o nascimento na perspectiva da maturidade e da realização.

Suas riquezas não são apenas misteriosas ou invisíveis. Têm manifestações a valorizar na convivência: maturidade espiritual, disposição à amizade, gosto pela oração e contemplação, sentido da pobreza da vida e abandono nas mãos de Deus.

A condição anciã será certamente, então, para nós objeto de cuidado e atenção afetuosa, mas não em menor proporção recurso humano e pastoral a fazer frutificar na comunidade e na missão salesiana.

¹⁸ Cf. 2Cor 4,16

ANCIANIDADE E MISSÃO JUVENIL

Olhando para a nossa Congregação, reconhecemos que o Senhor nos abençoa com a longevidade. Muitos dentre nossos irmãos atingem uma idade madura. Alguns, favorecidos por uma particular energia física e psíquica, continuam em plena atividade nas tarefas que a obediência lhes confia. Outros vivem a condição de anciãos em serena laboriosidade, depois dos anos de total emprego em tarefas apostólicas e responsabilidades comunitárias.

Sua presença enriquece o ambiente educativo e o trabalho pastoral com contribuições originais.

A missão salesiana, de fato, admite – ou melhor, exige – a contribuição de todas as idades da vida do homem. Vemos hoje como no passado, irmãos anciãos envolvidos, segundo suas forças, na assistência aos jovens, no ministério da reconciliação e da direção espiritual, na pregação, na atenção diligente a algum setor importante da casa (biblioteca, arquivo, secretaria, administração, museu, oficina, igreja), na acolhida dos hóspedes, no cuidado dos doentes, numa atividade reduzida, mas preciosa de ensino e em tantas outras formas não facilmente catalogáveis.

Penso, a esse respeito, com simpatia e afeto nos tantos Salesianos anciãos que, justamente graças ao tempo livre à disposição, puderam encontrar no pátio, meninos e jovens que buscavam uma orientação vocacional, estiveram ao lado deles na formação humana e cristã, estiveram à disposição deles na celebração do sacramento da reconciliação, exercendo o ministério da palavra e do conselho de que todos advertimos a necessidade num mundo atordoado com seus rumores e que não deixa espaço ao encontro pessoal.

Dirijo o meu pensamento, com gratidão e reconhecimento, aos Salesianos anciãos que conservam ligações de afeto com os numerosos ex-alunos aos quais deram as próprias melhores energias e com os quais compartilham, mesmo de forma reduzida,

projetos e iniciativas de solidariedade, voluntariado, presença e animação no território.

Essa riqueza tem repercussões importantes na comunidade. É o testemunho de uma vida que vai chegando à sua realização; é a sabedoria que dá a justa dimensão a cada aspecto da existência à luz do porto definitivo; é a experiência dos problemas e das pessoas dada por quem percorreu as várias etapas da vida. A ancianidade é também memória do passado, que faz ver a interdependência entre as gerações e une com o momento fonte do carisma ou de uma obra particular. Isso os torna quase indispensáveis nas comunidades de formação inicial.

Aos anos, acrescenta-se com frequência a saúde precária ou uma doença terminal. A atividade reduz-se e pode também cessar totalmente. Depende-se dos outros. Os irmãos participam, então, da missão salesiana com a oração, o sofrimento e a oferta da própria vida. Fazendo assim, tornam-se canais de graças e fonte de bênção para a comunidade e para os jovens.

“Enriquecem o espírito de família e tornam mais profunda a sua unidade”, afirma o artigo 523 das *Constituições*. A dor, de fato, não só purifica quem sofre, mas desperta nos irmãos energias de partilha e de serviço. Ao lado do irmão que sofre, a comunidade se une na solidariedade vocacional e no afeto fraterno.

Por isso tudo, falou-se da longevidade como de um “carisma”, um dom, que santifica quem o recebe e torna-se fonte de santificação também para os outros. Desde que vivida como uma graça da parte de quem é seu portador e da parte daqueles que dela são co-participantes.

COMPREENDER A CONDIÇÃO DOS ANCIÃOS

Quem entra nas assim chamadas terceira e quarta idades precisam de um apoio particular. Os irmãos e as comunidades são convidados a oferecê-lo na normalidade da vida fraterna.

O primeiro apoio consiste na *valorização comunitária da pessoa*. É importante proclamar hoje a missão que as pessoas de uma certa idade têm no interior da convivência e, como consequência, será importante promover-lhe o papel.

Isso comporta ajudar os irmãos anciãos a tomar plena consciência da nova fase que se abre diante deles, dos recursos de que dispõem, dos novos horizontes que os esperam e também dos desapegos e adaptações exigidos pela idade. É uma das etapas significativas da formação permanente sublinhada e recomendada pelo documento sobre a formação nos Institutos Religiosos: “No momento do retiro progressivo da ação, religiosas e religiosos se resentem mais profundamente em seu ser da experiência descrita por Paulo no contexto de caminhada para a ressurreição: “Não desanimemos. Mesmo se o nosso físico vai se arruinando, o nosso interior, pelo contrário, vai-se renovando dia a dia” (2Cor 4,16) [...]. O religioso pode viver esses momentos como a sorte única de deixar-se penetrar pela experiência pascal do Senhor Jesus, a ponto de desejar morrer para ‘estar com Cristo’, na coerência da sua ressurreição, e na participação de seus sofrimentos”¹⁹.

Isso foi providenciado, em alguns lugares, predispondo para os irmãos da terceira idade um tempo extraordinário, que pôde contar também com a competência de especialistas. Os resultados foram satisfatórios. Em outros casos, sentindo necessidade, os próprios irmãos inseriram-se em iniciativas de formação permanente que ofereciam tempos e meios para alcançar os mesmos objetivos.

Deve-se pensar, também em *modalidades de trabalho comunitário*, que permitam o emprego das pessoas pelo tempo mais longo possível. É claro que não se trata de manter os irmãos ocupados, mas de descobrir contribuições úteis à missão salesiana segundo as capacidades e as forças de cada um. Inserida como

¹⁹ Diretrizes sobre a formação nos Institutos de Vida Consagrada e nas Sociedades de Vida Apostólica, 1990, n. 70

está num vasto movimento de pessoas e aberta a serviços muitíssimos diversos, a comunidade pode incorporar no próprio projeto qualidades e serviços também originais.

Isso levará a um maior envolvimento, não só nos momentos de oração e de convivência fraterna, mas também na co-responsabilidade comunitária, criando amplos círculos de relações, intercâmbios e colaboração. Como sempre, o segredo do resultado está no conjunto, enriquecido pela vitalidade de muitas presenças, entre as quais há lugar para todos os anciãos: porteiros, sacristãos, ajudantes de enfermeiro, assistentes de pátio, bibliotecários etc.

Atenção particular deve ser reservada aos serviços que têm a função de permitir ao ancião viver a própria existência num contexto garantido, rico de possibilidades de valorização dos próprios recursos, o quanto possível, sem obstáculos. Penso, especificamente, na informação devida e necessária das condições de saúde, nos indispensáveis exames periódicos e sistemáticos controles médicos, no envolvimento nos processos de aposentadoria, na oferta do uso do tempo livre em atividades educativas, no abatimento das barreiras arquitetônicas, a fim de consentir a presença em todos os ambientes comunitários.

Quanto à assistência médico-sanitária, as Inspetorias têm amadurecido alguns critérios e colocado em ação algumas iniciativas que convêm recolher, porque já são uma práxis adequada.

Como já acenei falando da doença, os irmãos permanecem nas comunidades ativas enquanto forem auto-suficientes ou, se doentes, enquanto a comunidade local puder tomar conta deles. O espírito da família e o testemunho educativo orientam-nos nessa solução. Aplicamos à comunidade o que João Paulo II dizia aos consultores familiares: “Tirar o ancião de casa é, com freqüência, uma violência injusta. A família, com o seu afeto, pode tornar aceitável, voluntário, operoso e sereno o momento precioso da senilidade. Recursos existem nos anciãos, que devem ser postos no devido valor e do qual a família pode usufruir para não se empobrecer, caso não fossem observados ou esquecidos”. Orienta-se na mesma linha a ciência

médica, que dá preferência à assistência em casa e a apóia com iniciativas de perfil novo para garantir um suficiente serviço sanitário.

Para aqueles, porém, que precisassem de cuidados continuados e especializados, as Inspetorias têm predisposto casas em que o serviço médico, o ambiente e a atenção criam condições otimizadas de assistência. A experiência vai sugerindo modalidades que tornam aceitável esse passo certamente difícil. O irmão deve preparar-se com serenidade para essa eventualidade, acolhendo-a como sinal de amor da Congregação, medida conveniente à saúde e colaboração à missão da comunidade. O consenso e a aceitação facilitam as coisas.

Os Salesianos anciãos encontram-se ainda melhor quando essas casas estão próximas de outras nas quais se desenvolvem normalmente atividades salesianas e oferecem, portanto, a possibilidade de pequenas colaborações, participação ocasional em momentos comunitários e de simples gozo, mesmo que só visível, do movimento de jovens e adultos. É igualmente louvável a diligência com que a comunidade, nas quais esses irmãos trabalharam, continuam a visitá-los e mantê-los informados da própria vida.

É fundamental a capacidade dos irmãos encarregados de animar as pessoas, grupos homogêneos e toda a comunidade dessas casas. Procurem adequar a oração, encorajar o trabalho possível, reavivar as relações, prover de informações, acompanhar cada um junto a especialistas.

O nosso reconhecimento sincero deve ir, pois, aos irmãos que acolhem a obediência de preocupar-se com essas casas. Eles expressam aos anciãos a gratidão e o afeto da Congregação. Deve-se pensar numa qualificação deles, que permita acompanhar os anciãos com competência pastoral e espiritual.

APRENDE-SE DESDE JOVEM A ENVELHECER BEM

A ancianidade, como qualquer idade da vida, vai ao encontro de crises e tem seus riscos. Somos testemunhas disso. Junto ao ancião ativo há o aposentado precoce. Ao lado de quem difunde

serenidade e confiança, encontra-se quem é preso pela ansiedade e pelo pessimismo. Há quem assuma, com alegria, ocupações e papéis mais compatíveis com as próprias forças, e quem se apegue a um determinado ofício ou trabalho, impedindo até mesmo a necessária substituição.

Essas situações não devem ser julgadas por nós, porque as causas do humor, da vivacidade ou da depressão fogem muitas vezes ao controle da pessoa. O prolongamento da vida, porém, que está em curso no mundo todo, leva-nos a pensar em tempo como viver essa etapa da vida pelo Senhor e pelos jovens em todas as suas possibilidades.

A qualidade que a condição anciã de cada um terá não é, com efeito, casual nem totalmente imprevisível. Depende da resposta que a pessoa é capaz de dar. E ela não é improvisa. É preparada nos anos que a precedem. Normalmente se recolhem na ancianidade os frutos do que se aprendeu e praticou. Envelhecer torna-se, então, um exercício de toda a vida, que consiste em enfrentar positivamente os desafios ao amadurecimento, na fidelidade à própria vocação.

Tem-se um bom envelhecimento se o estilo de vida, ainda antes da terceira idade, foi otimizado. Foi afirmado, sobre isso, que “o estilo de vida está estritamente relacionado com a personalidade e, portanto, não é facilmente modificável na velhice: é a resultante de fatores genéticos e de uma série de aprendizados na idade evolutiva”. Isso, obviamente, não deve ser tomado em sentido determinista, enquanto “é sempre possível, mesmo na idade tardia, agir com a educação para modificar cognitivamente certos delineamentos e hábitos que podem estar cristalizados porque relacionados com os traços de personalidade”²⁰.

²⁰ M. Barucci, *Psicogeragogia. Mente, vecchiaia, educazione*, UTET, Florença 1989, p. 226

Alguns aspectos ou atitudes têm, então, particular importância. O primeiro é a *tensão para um crescimento ininterrupto* como resposta ao chamado do Senhor. Ela comporta atenção à experiência espiritual que vai se desenvolvendo em nós, pela qual descobrimos a obra de Deus em nossa vida sempre com maior profundidade. A ela, num religioso educador, está ligada a abertura cultural, que nos torna capazes de perceber significados novos e nos dispõe a assumir serenamente as mudanças necessárias.

Um segundo aspecto a considerar é *o trabalho*: o modo como se prepara para ele, como se aplicam com ductilidade as competências adquiridas. É certo que, em paridade de condições físicas e psíquicas, os que adquiriram um profissionalismo sério e, depois, o consolidaram numa área de trabalho, continuam de forma egrégia o próprio serviço, mesmo quando chega a diminuição de forças. O longo exercício, a experiência acumulada, as sínteses amadurecidas, tornam preciosas também as contribuições quantitativamente reduzidas. Ao contrário, uma ação iniciada sem suporte de competência, desenvolvida de maneira dispersiva, submetida a contínuas mudanças de áreas, não leva ao amadurecimento, mas provoca um senso de inadequação e a retirada prematura.

Esta é a atenção pedida a cada irmão, mas também àqueles que organizam a ação e projetam o desenvolvimento de uma inspetoria ou obra. Dois artigos dos *Regulamentos* apelam a ela. Um refere-se à competência a adquirir: “Cada irmão procure com os superiores o campo de qualificação mais apropriado às suas capacidades pessoais e às necessidades da inspetoria, dando preferência a quanto diz respeito à nossa missão. Conserve a disponibilidade característica do nosso espírito e esteja disposto a requalificações periódicas”²¹. O artigo 43, ao contrário, previne contra o “trabalho desordenado” e sugere uma alternância equilibrada de trabalhos, distensão e tempos de formação.

²¹ R 100

Os dois artigos sugerem que é irrenunciável, hoje, dar mais importância às pessoas do que às obras e que não se deve sacrificar a formação inicial, a formação permanente ou a qualidade de vida e ação à urgência de “sustentar” estruturas e iniciativas.

Será realizado, então, o augúrio do Salmo:

“Mesmo na velhice darão frutos,
serão cheios de seiva e verdejantes

para anunciar quão reto é o Senhor” (Sl 91,15-26).

É indispensável, em todo caso, que cada um se prepare para envelhecer, desde a infância, a fim de desenvolver um estilo positivo que permita viver bem a própria condição de ancianidade.

Entre os dotes que é preciso desenvolver para viver serenamente na terceira idade, recorde-se a *adaptabilidade*, entendida não só como tolerância, resignação ou submissão aos acontecimentos da vida quotidiana, mas sobretudo como capacidade de modificação dos programas, de adequação às novas condições físicas e sociais, de busca dos resultados desejados através de modalidades novas e diversas das utilizadas anteriormente. O ancião tem uma dupla possibilidade diante dos problemas que se lhe apresentam: enfatizar e dramatizar a perda do papel social ou valorizar o tempo à disposição para atuar iniciativas e projetos. Neste sentido, a adaptabilidade deve ser educada, preparada e potenciada.

Outro dote a desenvolver, determinante para o estilo de vida do ancião, é a *criatividade* que, quando promovida desde jovem, se traduz em capacidade original de integrar as próprias habilidades e conhecimentos em visões muito mais amplas e em iniciativas particularmente estimulantes.

Mais importante ainda, porém, é a constante e crescente consciência de que a própria existência, apesar da idade, achaques e impedimentos progressivos, conserva sempre *dignidade* e *sentido*. Enquanto a mentalidade consumista acentua o valor produtivo como fundamental, é preciso sublinhar que o ancião pode, e

deve, desenvolver um papel particularmente ativo, para que nele se possam buscar segurança afetiva, disponibilidade à escuta, testemunho que convida à meditação e ao redimensionamento dos problemas. Foi evidenciado muito oportunamente que, “em linha geral, é uma grave perda social tirar de suas diretrizes de desenvolvimento as pessoas anciãs, com o afastamento e o isolamento. Quando, enfim, não forem mais capazes de uma ação civil, poderão passar de modo útil o próprio tempo em recompor os fragmentos do que conheceram da vida e continuar a buscar o seu sentido no estudo ou no pensamento filosófico ou religioso”²².

FORMAÇÃO PERMANENTE NA COMUNIDADE LOCAL E INSPETORIAL

Aquilo que se disse sobre a preparação das diversas idades ou estações da vida, pode ser reconduzido ao princípio geral da Formação permanente.

Com a reformulação da *Ratio*, este é o critério central de toda a formação. Ela quer não tanto plasmar as pessoas exteriormente, mas criar nelas dinamismo e desejo de crescimento intelectual, espiritual, pastoral e de relações. Ela dá também indicações úteis sobre os métodos e os recursos para a vida. A formação inicial é importante, mas é apenas inicial. Apenas essa formação inicial não basta para a vida que caminha psicológica, social, profissional, religiosamente.

É preciso manter-se no contínuo dinamismo e desejo de crescimento como quem descobre novos panoramas. Tal atitude garante uma qualificação e uma preparação adequada para cada novo desenvolvimento da pessoa e para cada estação e circunstância da vida. Isso se refere particularmente à experiência de

²² G.W. Allport, *Psicologia della personalità*, LAS, Roma 1977, p. 252-253

Deus, fonte inexaurível de verdade e sabedoria e à meditação da sua palavra.

Na proximidade do CG25, a referência seja feita também às comunidades, como fatores e ambientes primeiros da formação permanente. Elas organizam o tempo e o trabalho, as oportunidades e o estilo dos encontros; praticam as diversas formas de aprofundamento e avaliação: discernimento, projeto, revisão de vida. Nelas, sobretudo, os irmãos comunicam com simplicidade a própria experiência espiritual, aprofundam e alargam as relações, propondo leituras iluminadoras.

Àquilo que a comunidade local faz no cotidiano, sempre enriquecido e jamais rotineiro, acrescentam-se as oportunidades oferecidas pela comunidade inspetorial. Convém que essas oportunidades sejam coligadas, alcancem a todos, unam o aspecto pastoral e espiritual ao teológico e ascético.

Existe, hoje, nas Inspetorias uma Comissão para a formação. Cabe a ela assistir ao Inspetor e ao seu Conselho para os planos de acompanhamento no crescimento. O sujeito determinante, porém, será sempre o próprio irmão, apegado à sua vocação, atento ao seu profissionalismo, entusiasta do seu campo apostólico.

Queridos irmãos, conversei convosco sobre estas reflexões a respeito da condição de doença e/ou ancianidade, presentes em nossas comunidades, e o fiz – como vos dizia – do observatório particular da minha condição atual, à qual o Senhor me chamou.

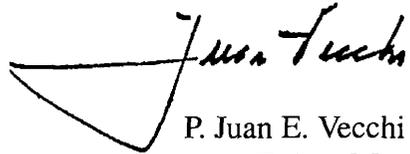
Ao concluir, o meu pensamento vai a Maria e à sua constante presença em todos os momentos e circunstâncias da nossa vida, como aconteceu na de Dom Bosco. Parece-me que dois ícones marianos, esculpidos no Evangelho, iluminam bem as condições de vida de que falava: a Visitação e a Virgem aos pés da Cruz.

Na primeira, contemplando Maria que visita a prima Isabel, trazendo no seio o Senhor e cheia do Espírito, percebemos a proximidade materna da Virgem ao lado de todos os que estão em

necessidade: uma proximidade que infunde esperança e, sobretudo comunica o dom e a força do Espírito.

No momento do Calvário, onde Maria está aos pés da Cruz, contemplamos a Mãe que, participando da dor do seu divino Filho, compartilha também o sofrimento de todos os seus filhos espirituais que, nas mais diversas circunstâncias, estão unidos à Cruz de Cristo. Do Calvário, Ela nos ensina “a fidelidade na hora da Cruz”²³, e nos indica a vitória da Ressurreição.

Queridos irmãos, enquanto vos agradeço de novo a proximidade e a oração, entrego a cada um de vós e vossas comunidades à proteção de Maria, desejando-vos um fecundo trabalho educativo e pastoral, na perspectiva do Capítulo Geral que se aproxima, e que recomendo novamente à vossa oração e zelosa atenção.



P. Juan E. Vecchi
Reitor-Mor

²³ C 92

NOTA SOBRE A CARTA DO REITOR-MOR

Queridos Irmãos,

Na situação em que se encontra, ele mesmo doente, o Reitor-Mor demonstra uma atenção particular pelos irmãos doentes. Escreveu-lhes uma carta por ocasião da Páscoa, visitou algumas casas onde residem irmãos enfermos e queria visitar outras ainda. Agora, dedicou-se a comunicar a sua experiência numa carta circular, consciente do fato de que antes ou depois poderá ser útil para cada um.

Podeis bem imaginar que, devido à condição de saúde em que o P. Vecchi se encontra atualmente, esta carta não saiu assim estruturada de sua pena. Durante o período de doença o secretário e as irmãs dos Sagrados Corações recolheram muitas de suas expressões, reflexões e comentários, e também os gravaram. Com esse material “construímos” a carta. Os pensamentos são, portanto, do P. Vecchi, alguns pedaços são também elaborados por ele mesmo, quando ainda lhe era possível. Ao final, ele confirmou tudo.

Esta carta do Reitor-Mor doente é, portanto, uma reflexão feita por ele em vários momentos, do seu quarto na enfermaria, do seu leito de solidão e sofrimento. É preciosa porque vem do profundo da alma, com a vontade de comunicar aos irmãos a serenidade e a confiança em Deus que ele está vivendo.

Continuemos a rezar por ele, interpondo a intercessão de Artêmides Zatti.

Com uma saudação fraterna,

Luc Van Looy, sdb
Vigário do Reitor-Mor

4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL

4.1 CRÔNICA DO REITOR-MOR

A atividade do Reitor-Mor, neste período do ano (junho–setembro de 2001) ressentiu-se evidentemente de sua situação de saúde.

O Reitor-Mor passou a maior parte do tempo na Comunidade P. Variara da UPS, assistido afetuosamente pelas Irmãs Filhas dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria, com a ajuda de irmãos capazes e disponíveis, freqüentes contatos com o seu Vigário e com os Conselheiros e visitas de irmãos, FMA, amigos, além do doutor Massimo De Lellis, que o assiste. As jornadas são bastante serenas, com muito repouso, mas também – nos limites consentidos pelas forças – com momentos de oração, alguma conversa ou outros empenhos. Pensa com freqüência no trabalho de animação da Congregação, propondo projetos, fazendo-se ajudar no escrever, expondo suas preocupações e linhas de orientação a todos os que dele se aproximam. Quando a situação permite, concelebra todos os dias às 17:30 e, nos dias, festivos às 11:00.

Não lhe sendo possível concelebrar, recebe a Santa Comunhão.

O Reitor-Mor transferiu-se para a Pisana nos dias **5-15 de junho** para presidir aos trabalhos da sessão de verão do Conselho Geral. Voltou depois a residir na comunidade P. Variara, indo à Pisana para alguns acontecimentos particulares. Após o dia 23, o P. Vecchi permaneceu na UPS dando o encargo de dirigir os trabalhos ordinários do Conselho ao seu Vigário, P. Luc Van Looy, que se apresentava regularmente ao Reitor-Mor para relatar-lhe o andamento dos trabalhos.

Quinta-feira **14 de junho**, depois dos trabalhos da reunião do Conselho, o Reitor-Mor deu a boa-noite a toda a comunidade. Quis recordar a história de sua doença, percorrendo as várias etapas, dos primeiros sintomas à cirurgia, às curas, à situação atual que ainda precisa de muitas atenções.

Embora estando em cadeira de rodas devido à grande fraqueza nos joelhos, tem demonstrado coragem, força de espírito e visão de futuro.

Pedi que se continuasse a rezar com confiança.

Falando da próxima beatificação do coadjutor Artêmidas Zatti, desejando que ela aconteça durante o CG25, deteve-se na figura do salesiano coadjutor. O Conselho Geral – disse – está refletindo sobre uma possível estratégia formativa, apta a relançar a vocação do coadjutor salesiano.

Sábado **16 de junho**, à noite, pelas 19:00 horas os Conselhos Gerais dos Salesianos e das FMA reuniram-se na comunidade P. Variara da UPS. O motivo era encontrar-se com o Reitor-Mor e ter uma troca de idéias entre os dois Conselhos, continuando a tradição instaurada há vários anos. A saúde do Reitor-Mor não permitiu discussões sobre temas particulares; a reunião teve uma tonalidade totalmente familiar de um encontro de família ao redor da mesa em que foi servido um ótimo “*Asado*” no estilo argentino. Ao final, o P. Vecchi apresentou um pensamento de boa-noite, sublinhando em particular a situação das escolas salesianas na Itália, a necessidade de que a sua presença seja significativa e que, para isso, se instaure uma efetiva colaboração entre Salesianos e FMA.

A noitada terminou com as sau-

dações e os “até mais”, e os votos de bons Exercícios Espirituais aos membros do Conselho SDB, que terão início no domingo seguinte, na Pisana.

Quinta-feira **21 de junho**, o Reitor-Mor deixa a comunidade P. Variara e retorna à Pisana para celebrar a jornada penitencial com os membros do Conselho Geral, em retiro, e para receber nessa ocasião o sacramento da Unção dos Enfermos, pedido expressamente por ele como atitude de confiança na bondade do Senhor e na eficácia do sacramento.

Estavam presentes à função os membros do Conselho com o P. Luc Van Looy, Vigário do Reitor-Mor, que presidiu à celebração. Os irmãos da comunidade da Pisana estavam ausentes, empenhados fora de casa no retiro de fim de ano, mas foram convidados a unir-se espiritualmente na oração.

Após a leitura da Palavra de Deus e de algumas passagens da carta escrita pelo Reitor-Mor aos irmãos doentes, na Páscoa de 2001, o P. Vecchi tomou a palavra para exprimir alguns pensamentos (que, em parte, transcrevemos da gravação):

“Antes de receber o Sacramento da Unção dos Enfermos, desejo manifestar, primeiramente, a minha

confiança de que o Pai, pelos méritos de Cristo Senhor, me receberá no seu perdão e no seu abraço. Estou certo também de que se for da sua vontade, ele trará benefício também para minha saúde física. Desejo, porém, abandonar-me a Ele, que me amou com amor eterno, como nos recorda Jeremias, disponível a acolher a sua vontade; quero manifestar-lhe o meu reconhecimento por tudo que predispôs para mim em todos os anos de minha vida.

(...) Meditei e reconheci sempre mais que a doença não é apenas um sinal externo, mas um pouco a chave de nossa vida. De um lado, ela nos faz sentir frágeis e fracos no corpo, mas de outro, penetra na psique e no coração gerando sentimentos de fé e de abandono à Providência do Senhor e de reconhecimento pelas pessoas que nos estão ao redor: faz-nos experimentar, enfim, que a vida para ter valor deve apoiar-se em Deus.

Não posso terminar minhas palavras sem agradecer-vos um a um, porque estais sendo verdadeiramente o meu principal apoio desde o início desta minha doença: da assistência junto ao leito de hospital e mais ainda depois. Quero dizer-vos, também, obrigado por tudo o que tendes feito, levando

do adiante o trabalho de animação da Congregação.

(...) Preparo-me para passar da comunidade eclesial visível àquela invisível, e sabemos que entre as duas não há descontinuidade. O espaço, nós o imaginamos. Sinto-me como alguém que percorre uma estrada entre duas fileiras de amigos e me vem espontâneo proclamar com o salmo a alegria de caminhar para a casa do Senhor a fim de louvar o seu nome. Sinto profundamente a minha pertença à Igreja e experimento que ela me acompanha de verdade, como todos os demais sacramentos, para chegar ao Encontro. Experimento, ainda, a alegria de fazer parte da comunidade salesiana, que percebo ao meu lado com acompanhamento especial de afeto e de oração, e também de conselhos. É um grande suporte e apoio sentir a proximidade da Família Salesiana.

(...) Ainda, portanto, o meu agradecimento a todos por tudo. Uno neste agradecimento, vós todos, os irmãos, as FMA, os membros da Família Salesiana e os amigos que me estiveram e estão próximos. Manifesto-o a vós com um aperto de mão, como sinal da paz e da nossa fraternidade. Fiquemos sempre unidos na oração. Deus

vos recompense e Maria Santíssima vos abençoe”.

Sábado **23 de junho**, o Reitor-Mor vai novamente à Casa Geral para celebrar, com toda a comunidade, a festa do seu aniversário, que ocorre nesse dia, e para antecipar a comemoração do seu onomástico, que cai no dia seguinte, domingo 24 de junho, solenidade da Natividade de São João Batista. O Reitor-Mor é esperado para a celebração da Santa Missa em honra do Coração Imaculado de Maria, memória do dia, e para o almoço com a comunidade.

A Santa Missa é celebrada na igreja inferior do *Salesianum*, onde foi preparado um altar adaptado à situação do Reitor-Mor, que é obrigado a presidir à celebração em sua cadeira de rodas. Atrás do altar foram colocados alguns objetos significados tirados da coleção de presentes que o P. Vecchi recebeu em suas viagens. Estão presentes o Conselho Geral, os membros da comunidade e vários hóspedes, entre os quais diversos Inspetores: P. Francesco Cereda (UPS), P. Lluís Maria Oliveras (África Ocidental, de língua francesa), P. Miguel Angel Olaverri (África Tropical Equatorial), P. Jan Komarek (República Checa), P. Vladimir Fekete

(Eslováquia). Participam também as irmãs FMA da comunidade com as meninas, amigos e colaboradores.

Anima a celebração o P. Albert Van Hecke que, introduzindo, depois de ter recordado o significado da celebração em honra do Coração Imaculado de Maria e da memória de São José Cafasso (que ocorre no mesmo dia), acrescenta:

“Hoje agradecemos também a Deus Pai pelo aniversário do nosso Reitor-Mor, P. Juan Vecchi. Queremos estar unidos a ele na oração e, através dele, sentir a presença de todos os nossos irmãos e membros da Família Salesiana. Quisemos senti-los presentes através destes símbolos, colocados junto ao altar: Nossa Senhora, Dom Bosco e os jovens, alguns presentes dados ao Reitor-Mor e as fitas com as cores do rosário missionário, que nos liga ao nosso mundo salesiano dos cinco continentes e com a Igreja universal. São sinais de afeto da Família Salesiana pelo nosso Reitor-Mor. Celebrar a Eucaristia quer dizer fazer entrar o Espírito de Deus em nosso coração, que nos leva sempre mais além de nossas próprias fronteiras”.

A igreja inferior do *Salesianum* tem estruturas que permitem grande recolhimento e se presta para dar

uma tonalidade mais íntima e participativa à cerimônia. O Reitor-Mor inicia, então, a celebração com os convites iniciais e depois faz uma breve intervenção apropriada à circunstância, narrando as grandes etapas da história de sua vida salesiana.

A homilia foi feita pelo P. Antonio Martinelli, que centra o seu discurso em dois pontos: a memória de São José Cafasso e o aniversário do Reitor-Mor. Conclui sublinhando a origem da palavra “augúrio”. Ela deriva do latim “augere”, crescer. Suas palavras conclusivas são: “Augúrios, P. Vecchi! O Senhor lhe conceda crescer em santidade e em saúde”.

Ao final da Eucaristia, depois da bênção final, os sacerdotes aproximaram-se do Reitor-Mor para cumprimentá-lo.

Terminada a Santa Missa, vai-se ao refeitório do *Salesianum* para o almoço. Como sempre, é um momento sereno e de festa, alegrado por cantos executados pelos Conselheiros e por intervenções de cumprimentos. Estão todos os irmãos, as irmãs, as meninas que trabalham com elas, amigos e colaboradores. Estão também os Inspectores que participaram da Eucaristia. É um belo momento, alegre e familiar. P. Vecchi mantém a

todos alegres com algumas saídas, recordações, reflexões.

Sexta-feira **29 de junho** realiza-se – na Universidade Pontifícia Salesiana – o encontro dos responsáveis CNOS-CIOFS-Escola, para a busca de estratégias inovadoras e criativas. Além do CNOS e CIOFS, participaram também alguns representantes do COSPES, da UPS, do Auxilium e do CSSC (Centro de Estudos Escola Católica), que deram a própria contribuição de estudiosos e especialistas.

Hóspede de exceção foi o Reitor-Mor, que desejou recordar com força o papel que a Escola Salesiana desenvolveu e continua a desenvolver na educação de muitas gerações de estudantes. Convidou também a opções corajosas e criativas, que se dirijam ao trabalho em sinergia entre Filhas de Maria Auxiliadora e Salesianos, prevejam a mobilidade do pessoal até aos 10/12 anos, promovam a conservação e o desenvolvimento das obras mais significativas nos vários territórios geográficos da Itália. “É preciso lutar para manter as escolas até o último sangue”, disse o Reitor-Mor, pois “não se pode prescindir de um instrumento de altíssimo valor como a escola na missão educativa para a qual, como Salesianos, fo-

mos inventados pelo Espírito”. O trabalho criativo – acrescentou o Reitor-Mor – deverá ter em vista a realização de uma experiência piloto a propor validamente em outros contextos nacionais.

Quinta-feira **5 de julho**, o Reitor-Mor recebeu a primeira visita dos novos Inspectores, que participavam do curso específico organizado para eles, iniciado em 3 de julho na Pisana. Os novos Inspectores escutaram a intervenção do Reitor-Mor sobre o modo de animar salesianamente uma Inspeção, trocaram impressões e fizeram perguntas.

Terça-feira **10 de julho** todos os Conselheiros foram à UPS para fazer uma reunião do Conselho com o Reitor-Mor.

À tarde, os novos Inspectores foram visitar novamente o P. Vecchi. Participaram com ele da celebração eucarística presidida pelo P. Francesco Cereda, Superior da Visitadoria da UPS.

Domingo **15 de julho** encontram-se com o Reitor Mor os participantes do *terceiro encontro das IUS*, que está acontecendo na Casa Geral. P. Vecchi dirigiu-lhes algumas palavras, percorrendo o caminho feito nestes anos – com o incentivo também do P. Carlos Garulo, seu Delegado –, congratulando-se pela

colaboração dada e pelas sinergias ativadas, e exprimindo o apreço pelos trabalhos do encontro, no qual – além da revisão – foram indicadas algumas linhas programáticas para o futuro. Formula os votos de que continuem as sinergias entre as várias instituições, até formarem uma “rede”, com capacidade de fazer ouvir a própria voz culturalmente qualificada no âmbito civil e nos organismos nacionais e internacionais, para afirmar direitos, sobretudo no campo educativo, que poderiam perder-se no atual processo de globalização. Referindo-se ao curso *on line* sobre o Sistema Preventivo para a formação de professores leigos, que está para ter início, sublinha a importância de ter leigos preparados para as instituições universitárias e para as escolas secundárias.

À tarde de quinta-feira **26 de julho**, na conclusão da sessão plenária do Conselho, os membros do Conselho Geral vão novamente ao Reitor-Mor para participarem da celebração das 17:30. Celebra-se a memória dos Santos Ana e Joaquim. Em seguida, há a ceia fraterna.

Sexta-feira **27 de julho**, P. Vecchi recebe a visita muito grata do Embaixador da Colômbia junto à Santa Sé, S. Excia. Guillermo León Escobar Herrán, que se detém em

colóquio cordial com o Reitor-Mor e saudado e festejado com alegria pelas Filhas dos Sagrados Corações, também elas colombianas.

Segunda-feira **6 de agosto**, o Reitor-Mor recebe a visita da Madre Antonia Colombo, Superiora Geral das FMA, e de algumas irmãs do Conselho.

Recorde-se, entre as visitas, a de Dom Tarcisio Bertone, SDB, no dia **14 de setembro**, entretendo-se com o Reitor-Mor sobre assuntos relativos à Congregação e à Igreja.

À tarde de sexta-feira **14 de setembro** o Reitor-Mor é visitado pelo Presidente do Conselho de Ministros da República Italiana, Silvio Berlusconi, ex-aluno salesiano, que se entretém com o P. Vecchi por uma hora em familiar conversação.

Tendo-se agravado a situação do Reitor-Mor no último período, os Conselheiros e outros irmãos da UPS e da Casa Geral alternam-se para que haja sempre uma presença ao seu lado, embora continue a ser assistido e cuidado pelas Filhas dos Sagrados Corações.

4.2 CRÔNICA DO CONSELHO GERAL

A sessão plenária de verão do Conselho Geral – décima primeira

desde o início do sexênio – teve início na terça-feira 5 de junho de 2001 e foi concluída na sexta-feira 27 de julho, com um total de 27 reuniões plenárias, acompanhadas de outros encontros de grupos e setores.

O Reitor-Mor esteve presente na primeira parte das reuniões e presidiu-as. Em seguida, depois da semana dos Exercícios Espirituais, o Reitor-Mor permaneceu na enfermaria da UPS, de onde acompanhou as reuniões do Conselho em contato constante com o seu Vigário, que presidiu às reuniões na Casa Geral. Uma reunião para tratar de temas específicos aconteceu na UPS, no dia 10 de julho, com a presidência do Reitor-Mor.

Como sempre, o Conselho esteve empenhado – numa parte do tempo de reuniões – em despachar as práticas vindas das Inspetorias: nomeações de membros dos Conselhos Inspetoriais e aprovações de nomeações de Diretores, aberturas e ereções canônicas de casas e/ou atividades (contam-se no período 6 aberturas de novas presenças, 16 ereções canônicas de casas, 8 encerramentos canônicos), práticas relativas a irmãos e práticas econômico-administrativas.

O maior empenho, contudo, foi dedicado a providências sobre o

governo e a animação das Inspetorias e o estudo de temas ou problemas de caráter geral relativos à vida e à missão da Congregação em seu conjunto. Apresenta-se em seguida o elenco dos principais argumentos.

1. NOMEAÇÕES DE INSPETORES

Seguindo o procedimento costumeiro (exame da consulta inspetorial, discernimento em sede de Conselho e votação), foi nomeado apenas o Inspetor para a Inspetoria “São Pedro Claver” de Bogotá, P. Nicolas Rivera Penagos, em substituição ao P. Camilo Castrellón Pizano, nomeado Bispo de Tibú. Não se prevêem outras nomeações de Inspetores no ano que precede imediatamente o Capítulo Geral (os dados pessoais do P. Nicolas Rivera foram publicados em ACG 376).

2. RELATÓRIOS DAS VISITAS EXTRAORDINÁRIAS

Como em todas as sessões plenárias, uma tarefa importante do Conselho foi o exame cuidadoso das relações das Visitas Extraordinárias realizadas pelos Conselheiros, em nome do Reitor-Mor, no período fevereiro-maio de 2001. O relatório

das Visitas Extraordinárias, apresentado pelos respectivos Visitadores, é para o Conselho um momento privilegiado de conhecimento e reflexão sobre a realidade salesiana da Inspetoria, a vida e a missão das comunidades, a significatividade do projeto inspetorial e as perspectivas de futuro.

São estas as Inspetorias das quais foi examinado o relatório: África Central, Argentina – La Plata, Bolívia, Índia – Bangalore, Paraguai, República Checa, Eslovênia, Espanha – Córdoba.

3. RELATÓRIOS INFORMATIVOS DE CADA CONSELHEIRO

Como nas demais sessões plenárias, cada Conselheiro de setor (formação, pastoral juvenil, família salesiana e comunicação, missões, economia) fizeram um breve relatório das principais atividades realizadas – pessoalmente e em nível de dicastério – a serviço da animação das Inspetorias e da Congregação em nível mundial.

Seguiu-se, à apresentação destes “relatórios informativos”, um tempo de confronto e reflexão em Conselho, sobre os pontos que mais precisavam de esclarecimento ou de conhecimento mais aprofundado.

4. TEMAS DE ESTUDO E DECISÕES OPERATIVAS

No decurso da sessão, junto com os assuntos relativos às Inspetorias e Regiões, o Conselho examinou alguns temas de reflexão mais gerais sobre o governo e animação da Congregação, com atenção tanto ao momento atual de vida da Congregação quanto às perspectivas de futuro.

Sublinham-se, particularmente, os seguintes pontos:

4.1 PROJETOS DE ANIMAÇÃO PARA OS ANOS POSTERIORES A 2000

O Reitor-Mor apresentou aos Conselheiros alguns “projetos” nos quais se deveria concentrar a atenção nos próximos anos, à luz também da Exortação do Santo Padre *Novo millennio ineunte*, no início do novo milênio.

Entre os projetos indicados pelo Reitor-Mor – além do Capítulo Geral 25, sobre o qual a Congregação já está empenhada – são evidenciados os seguintes:

1. Um ano especial de reflexão sobre a vocação do **salesiano coadjutor**, como indicado na carta circular escrita em vista da beatificação de Artêmides Zatti (cf. ACG 376);

2. Um forte empenho na **formação (qualificação cultural e espiritual)**, envolvendo tanto as Inspetorias e Regiões, quanto os nossos Centros de formação e de estudo, após a publicação da *Ratio*. Um olhar privilegiado deve ir ao Centro de **Cremisan**, na Terra Santa, pela significatividade do seu projeto.

3. Um empenho renovado quanto aos Centros de documentação e de cultura. Atenção especial deve ser dada às **Bibliotecas**, por ocasião, também, da inauguração da nova Biblioteca da UPS e da Biblioteca Salesiana do Piemonte.

4. Um renovado trabalho pela **Família Salesiana**, esforçando-se por atuar a **Carta da Missão**, com uma presença ativa da Família Salesiana, não só formal ou institucional, na Igreja e na sociedade.

5. Particularmente, em âmbito da Família Salesiana, o relançamento dos **Cooperadores Salesianos**: com autonomia organizativa apoiada pela Congregação e maior capacidade de presença e iniciativa na Igreja e na sociedade.

6. Em âmbito de Pastoral Juvenil, um impulso sempre maior ao **Movimento Juvenil Salesiano**.

Estes projetos, apresentados pelo Reitor-Mor desde a sessão

intermédia, foram objeto de reflexão do Conselho.

4.2 PREPARAÇÃO DO CAPÍTULO GERAL 25

O Conselho Geral, nesta sessão, caminhou também na reflexão e oferta de indicações para a preparação imediata do Capítulo Geral 25.

Em particular, com os critérios indicados pelo Conselho, o Reitor-Mor – através da apresentação do Regulador – determinou definitivamente a composição da Comissão pré-capitular, de acordo com os *Regulamentos Gerais* 113 (cf. n. 5.1 no presente número de ACG).

Foram igualmente definidas, através de sugestões dos Conselheiros, as equipas para as traduções.

Após o Regulador informar sobre a situação dos trabalhos de preparação e alguns pontos adquiridos (como a animação do discernimento capitular), o Conselho fez uma reflexão, sobretudo quanto a dois aspectos:

- modalidades da participação da Família Salesiana no CG25 (que deve realizar-se, obviamente, sobretudo em nível inspetorial);
- sugestões à Comissão pré-capitular sobre a dinâmica de trabalho do CG25.

4.3 FAMÍLIA SALESIANA

Quanto à Família Salesiana, em resposta também à solicitação do Reitor-Mor, que inseriu este “projeto” entre aqueles a estimular nos próximos anos, o Conselho Geral:

- fez uma reflexão sobre um conjunto de pontos (uma espécie de “decálogo”), predispostos pelo Conselheiro para a Família Salesiana, que resumem características e critérios da identidade dos Grupos, a partir do princípio da espiritualidade (“Família espiritual”) levando em conta o que já foi indicado pelas Cartas da Comunhão e da Missão;
- estudou as informações dadas pelo Conselheiro sobre a situação da Família Salesiana, sobretudo em relação aos contatos com os Grupos e às perspectivas de novos Grupos.

4.4 APROVAÇÃO DAS DELIBERAÇÕES DOS CAPÍTULOS INSPETORIAIS 2001

O Conselho Geral procedeu, durante a sessão, segundo a norma do art. 170 das *Constituições*, à aprovação das deliberações dos

Capítulos Inspetoriais celebrados em 2001, quanto ao que diz respeito à vida e à missão das Inspetorias (deliberações e orientações operativas, modificações aos diretórios inspetoriais). Foram 29 os Capítulos examinados e aprovados nesta sessão.

4.5 EXAME E APROVAÇÃO DO BALANÇO CONSOLIDADO DE 2000

O Conselho examinou o balanço consolidado da Direção Geral das Obras de Dom Bosco relativo ao exercício de 2000, apresentado pelo ecônomo geral, e depois de um cuidadoso confronto deu a sua aprovação, segundo as normas dos *Regulamentos Gerais*.

5. MOMENTOS SIGNIFICATIVOS

Recorde-se – durante a sessão – o curso para os novos Inspetores, realizado nos dias 3-13 de julho, muito rico, pelos impulsos de animação oferecidos pelo Vigário do Reitor-Mor e pelos Conselheiros e também pelo clima de intercâmbio fraterno. Foram significativos os encontros dos Inspetores com o Reitor-Mor na comunidade P. Variara da UPS.

Sublinhe-se, ainda, como tempo privilegiado, os *Exercícios Espirituais* realizados na Casa Geral, com a animação do P. Francis Moloney, SDB. Adquiriu um significado especial, no interior dos Exercícios, a jornada penitencial – quinta-feira, 21 de junho – em que estava presente o Reitor-Mor, a quem foi administrado pelo Vigário o sacramento da União dos Enfermos, com a participação de todo o Conselho e de outros irmãos da Comunidade.

À conclusão dos Exercícios Espirituais, sábado, 23 de junho, o Conselho Geral – ao qual se uniram os irmãos da Casa Geral, alguns Inspetores, as Filhas dos Sagrados Corações e outros membros da Família Salesiana – celebrou em espírito de Família os 70 anos do P. Juan Vecchi (com a festa onomástica que ocorria no dia seguinte): a Eucaristia, na igreja inferior do “Salesianum”, presidida pelo Reitor-Mor, e a ceia fraterna, que se seguiu, foram dois momentos de grande intensidade espiritual e de verdadeira fraternidade e alegria salesiana.

Momento significativo foi também o *terceiro encontro das IUS*, realizado na Pisana nos dias 12-17 de julho, coordenado pelo P. Carlos Garulo, como Delegado do Reitor-

Mor, com a participação do Vigário do Reitor-Mor – que fez as intervenções de introdução e de conclusão, em nome do Reitor-Mor

– dos Conselheiros para a Formação e para a Pastoral Juvenil, e de outros Conselheiros, que deram a própria contribuição.

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS

5.1 COMISSÃO PRÉ-CAPITULAR PARA O CG25

O Reitor-Mor, depois de consultar-se com o seu Vigário e com o Regulador do CG25, e ouvido o parecer do Conselho Geral, nomeou – de acordo com o art. 113 dos *Regulamentos Gerais – a Comissão Pré-capitular* para o próximo CG25, com as incumbências fixadas pelo mesmo artigo regulamentar.

São estes membros nomeados para a Comissão, com a sigla das respectivas Inspetorias de pertença: P. Francis Alencherry (INC), P. Patrick Angelucci (SUE), P. Francesco Casella (RMG), P. Francesco Cereda (UPS), P. John Dickson (GBR), P. Daniel Marangio (ICP), Sr. Mario Olmos (CAM), P. Juan Carlos Pérez Godoy (SSE), P. Luiz Gonzaga Piccoli (ANG), P. Gaston Ruvezi (AFC), P. Tarcísio Scaramussa (BBH), P. Klement Václav (KOR), Sr. Hugo Vera (AÇO).

A Comissão foi convocada, em seguida, pelo Regulador do CG25, P. Antonio Domenech, tendo inici-

ado os seus trabalhos no dia 2 de setembro, com duração prevista até o dia 16 de setembro.

5.2 CARTA DO REITOR-MOR AOS IRMÃOS DOENTES OU ANCIÃOS

Apresenta-se o texto da Carta escrita pelo Reitor-Mor, na Páscoa de 2001, aos irmãos doentes ou anciãos da Congregação, para cumprimentá-los e compartilhar com eles alguns pensamentos sobre o significado do sofrimento em nossa vida. É o tema que, depois, desenvolveu mais amplamente na Carta circular publicada neste número dos *Atos do Conselho Geral*.

Páscoa de 2001.

Queridos irmãos doentes ou anciãos,

este meu tempo de enfermidade fez-me pensar particularmente em vós, que enfrentais uma situação de sofrimento, doença ou ancianidade.

Os doentes e os anciãos não são capital morto e inutilizável para a pastoral, mas capital vivo, conforme à vida de Jesus, que fez muitos gestos próprios do Bom Pastor, mas no final entregou a sua vida ao Pai na cruz. O momento da doença é, pois, significativo como incorporação aos sofrimentos de Cristo. Nossa comunhão salesiana vai nessa direção: não subestimemos nenhum dos conteúdos que a vida e a nossa espiritualidade nos oferecem; esta contribuição de oferta, que é o sofrimento, é muito preciosa.

A Igreja propõe-nos a pastoral da saúde como tempo fecundo de crescimento na santidade que, de um lado, amadurece na caridade aquele que é chamado a assistir e, de outro, ajuda o doente a acolher a doença com atitude de fé. Como sublinhava Santa Teresa: “ao Senhor agradam duas coisas: trabalhar por Ele ou sofrer por Ele”. Ambas as situações, acolhidas com fé, são fecundas e meritórias.

Aproveitei este tempo para visitar as comunidades mais próximas de Roma que acolhem os nossos irmãos doentes: Torino-Valsalice, Roma-Pio XI, Castellamare di Stabia e Civitanova Marche. Foram visitas ditadas pelo reconhecimento do trabalho realizado, mas tam-

bém de apreço pela contribuição que significa a oferta desses irmãos e, também, a minha.

Quero alcançar, por isso, com meu afeto e minha oração a todos os irmãos doentes, que vivem nas várias casas – são cerca de 40 – preparadas para eles e espalhadas pelo mundo. Faço-o com estas palavras que desejam ser sinal da presença deles em meu coração.

Permaneçamos unidos, oferecendo ao Senhor o nosso momento de sofrimento pelo futuro dos jovens e pelo nosso crescimento espiritual. Rezemos, em particular, pelas vocações; em todos os lugares, a Congregação está fazendo o bem com o seu carisma fecundo, mas quanto mais fortes formos, mais podemos trabalhar na missão.

Estamos nas proximidades da Santa Páscoa: unamo-nos ao sofrimento de Cristo, seguros de que em sua oferta está incorporada também a nossa pela salvação do mundo.

Acolhei, pois, os meus mais sinceros votos. Dirijo-os a vós, queridos irmãos, com os quais compartilho um momento de sofrimento e de enfermidade; dirijo-os, porém, com atitude reconhecida, a todas as pessoas que com amorável dedicação gastam suas vidas ao nosso lado. Com seu sorriso, ajuda e pre-

sença, elas nos fazem sentir irmãos entre irmãos.

Envio a todos a minha bênção. Maria Auxiliadora seja para todos, proteção e ajuda.

P. Juan E. Vecchi

5.3 NOMEAÇÃO DE CINCO MEMBROS DA CONSULTA MUNDIAL E DO COORDENADOR GERAL DA ASSOCIAÇÃO DOS COOPERADORES SALESIANOS

Apresenta-se o Decreto com que o Reitor-Mor – na qualidade de Superior da Associação dos Cooperadores Salesianos e de acordo com a norma do Regulamento de Vida Apostólica – nomeou cinco membros da Consulta mundial, de sua competência, e o novo Coordenador Geral da Associação.

Prot. 01/0787

Roma, 19 de julho de 2001

De acordo com o art. 48 do Regulamento de Vida Apostólica §1:

“A Consulta mundial, da qual participa o Conselheiro Geral para a Família Salesiana, é constituída

por tantos membros quantas forem as Regiões da Associação dos Cooperadores e por cinco membros nomeados pelo Reitor-Mor”.

Tomando conhecimento dos eleitos nas Regiões, durante os Congressos regionais, nomeio, para chegar ao *plenum* da Consulta:

1. P. Julio H. Olarte
2. Ir. Maria Trigila
3. Rosario Maiorano, do Centro Cooperadores da Esperança – Roma
4. Giorgio Signori, do Centro Cooperadores da Esperança – Roma
5. Maurício Leonardi, do Centro Cooperadores de Terni.

De acordo o que diz o *Regulamento de Vida Apostólica*, art. 48 §1:

“O Reitor-Mor nomeia o Coordenador Geral entre os Cooperadores da Consulta Mundial”.

Nomeio como COORDENADOR GERAL o Cooperador **ROSÁRIO MAIORANO**.

Congratulo-me com todos os eleitos. Agradeço pelo que fareis para o crescimento quantitativo e qualitativo da Associação.

O meu pensamento de gratidão

vai também àqueles que conduziram a Associação até hoje.

Para todos rezo a Dom Bosco, a fim que continue a abençoar a Associação nascida do seu coração de Pai Fundador.

Fraternalmente,
P. Juan Vecchi

5.4 BISPOS SALESIANOS

1. Em julho de 2001, o Santo Padre elegeu um novo Bispo salesiano. Apresentam-se alguns dados do seu currículo.

José HOÀNG VAN TIEM,
Bispo de BÙI CHU (Vietnã).

O *L'Osservatore Romano* de 15 de julho de 2001 publicou a notícia da nomeação – pelo Santo Padre – do sacerdote salesiano *José HOÀNG VAN TIEN* como Bispo na *Diocese de BÙI CHU (Vietnã)*.

Nascido em 12 de setembro de 1938 em Hai Son (Hai Hau, Nam Dinh), arquidiocese de Hà Nội, depois de fazer os estudos secundários no Seminário Menor de Búi Chu, entrou no noviciado salesiano, emitindo a primeira profissão em 1962. Completou, depois, os estu-

dos filosóficos em Hong Kong e, após o tirocínio prático, fez os estudos teológicos no Instituto Teológico Salesiano de Cremisan, Terra Santa, onde obteve a Licença em Teologia e recebeu a ordenação presbiteral em 19 de abril de 1973.

Retornando ao Vietnã, foi professor de Teologia Moral no Instituto Teológico Salesiano de Dalat (1973-1975) e, em seguida, pároco de Thai Binh, diocese de Dalat (1975-1995). Desde 1995 era professor de Teologia Moral no Seminário Maior de Hà Nội.

2. Assinala-se que *Dom Agustín RADRIZZANI, SDB, foi transferido* da Diocese de Neuquén, Patagônia, Argentina – para a qual fora nomeado em maio de 1991 (Cf. ACG 337) – *à sede residencial de LOMAS DE ZAMORA, Diocese sufragânea de Buenos Aires, Argentina.* Ingressou na nova Diocese em 23 de maio de 2001.
3. Assinala-se, ainda, que *Dom Riccardo EZZATI, SDB, que, desde 1996, era Bispo da Diocese de Valdivia (Chile), foi transferido à*

Arquidiocese de SANTIAGO DO CHILE, na qualidade de Bispo Auxiliar. Foi-lhe atribuída a sede titular episcopal de La Imperial (podem-se ver seus dados pessoais em ACG 357).

5.5 IRMÃOS FALECIDOS (2001 – 3º ELENCO)

«A fé em Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo. Consumiram a vida na Congregação, e não poucos sofreram até mesmo o martírio por amor do Senhor... Sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão» (Const. 94).

NOME	LUGAR	DATA DA MORTE	IDADE	INSP
P ANDRADE Leonardo	Guadalajara (México)	23-08-2001	80	CAM
P BELLINO Natale	Castelfranco Veneto (TV)	20-08-2001	81	IVE
L BERNARDI Domenico	Turim	18-08-2001	82	ICP
P BOSIO Santino	Turim	11-07-2001	77	ICP
L CAGNAZZO Sergio	Roma	13-08-2001	82	UPS
P CICCARELLI Pietro	Torino	20-08-2001	86	ICP
<i>Foi Inspetor por oito anos</i>				
P DALLA VALLE Vittorio	Varazze (SV)	11-07-2001	83	ILT
L FERRERO Guido	Turim	02-07-2001	85	ICP
P FIGURA Giuseppe	Beppu	31-08-2001	95	GIA
P GIBON Marcel	Amay (Bélgica)	16-07-2001	86	BES
P GUILLERM Maxime	Caen	12-06-2001	92	FRA
P HOFFMAN Theodore	Madras	28-08-2001	75	INM
P JENNINGS Terence	Melbourne	24-09-2001	84	AUL
<i>Foi Inspetor por seis anos</i>				
P KENÉZ János	Székesfehérvár	16-07-2001	88	UNG
P KUDELA Tomas	Frysták	24-09-2001	84	CEP
L LÓPEZ Ramón	Bogotá	06-09-2001	83	COM
P MARCOS Andrés	Ciudad Real	14-07-2001	68	SMA
P MARRO Liberato	Civitanova Alta (MC)	08-07-2001	90	IAD
L MATA COSGAYA Jesús	Logroño	11-08-2001	40	SBI
P MAUREIRA AVILA Miguel	Santiago do Chile	14-09-2001	87	CIL
P MEJIA Joaquín	Santa Tecla (El Salvador)	25-08-2001	63	CAM

NOME	LUGAR	DATA DA MORTE	IDADE	INSP
P MENTH Johannes	Ottobeuren (Baviera)	14-07-2001	70	GEM
P MENZL Josef	Benediktbeuern	07-09-2001	88	GEM
P METLIKA Bogdan	Lubiana	06-07-2001	80	SLO
P PATRONO Luis	Bahía Blanca	11-05-2001	86	ABB
P PEDRINI Arnaldo	Roma	17-08-2001	84	IRO
P PERUZZO Armando	Panamá	07-08-2001	86	CAM
P QUÉRÉ Henri	Brest	24-08-2001	74	FRA
P QUINTAS FELJOÓ Sergio	Caracas	26-08-2001	93	VEN
P RIBEIRO José Paulo	Recife	20-08-2001	84	BRE
P RIESHOFER Josef	Regensburg (Baviera)	27-07-2001	84	GEM
P RIGGI Calogero	Roma	01-09-2001	87	UPS
P RODRIGUEZ Miguel	Bogotá	25-07-2001	86	COB
P RONDINI César	Neuquén	17-08-2001	82	ABB
P SAITTA Biagio	Palermo	10-07-2001	67	ISI
P SAVOGIN Emilio	Hong Kong	05-08-2001	79	CIN
L SCUCCATO Angelo	Roma	27-07-2001	72	IRO
L SILVESTRO Antonino	Pedara (CT)	04-09-2001	81	ISI
P SOLONYZNY Nicolás	San José (Misiones)	29-08-2001	82	ARO
P STANUCH Antoni	Sroda Slaska	11-08-2001	84	PLO
P TONNINI Stelvio	Frosinone	17-09-2001	76	IRO
P TRABA SEÑARÍS Jesús	Vigo	29-08-2001	77	SLE
P VACCA MONTANARO Angelo	Bordighera (IM)	17-09-2001	81	ILT
P VALVERDE Carlos	Quito	16-07-2001	79	ECU
<i>Foi Inspetor por seis anos</i>				
P VILLANUEVA Reynaldo	Ramos Mejía	05-09-2001	88	ABA
P WILLS Andrew Joseph	De Deur, Gauteng (África do Sul)	21-08-2001	76	AFM
P ZAFFERETTI Guido	Arese (MI)	05-08-2001	72	ILE
L ZAMPOLO Demare	Udine	29-08-2001	86	IVE
P ZEMAITIS Jonas	Rumsiskés (Lituânia)	12-09-2001	97	EST